

DIÁLOGOS ÉTICOS ENTRE REBELDES: AS CARTAS DE NISE DA SILVEIRA A BENEDICTUS DE SPINOZA.

Anselmo do Amaral Paes

Resumo: Este artigo apresenta leitura da obra “Cartas à Spinoza” do diálogo entre Nise da Silveira e Benedictus de Espinosa na forma de cartas dirigidas ao filósofo holandês, cartas que travessam séculos entre Nise (1905-1999) e Benedictus de Spinoza (1632-1677). Através da análise e reflexão busca-se sinais de influências na postura crítica e ética de Nise sobre as afecções mentais. A análise se detém sobre as “cartas” e sobre os conceitos Spinozianos destacados nas “cartas” nos apresentando leitura específica de Espinosa e, por conseguinte, da própria Nise e seu trabalho junto ao tratamento humanizado do sofrimento mental.

Palavras-Chave: Nise da Silveira. Benedictus de Spinoza. Ética. Filosofia. Saúde Mental.

Abstract: This article presents a reading of the work "Cartas à Spinoza" from the dialogue between Nise da Silveira and Benedictus de Espinosa in the form of letters addressed to the Dutch philosopher, letters that cross centuries between Nise (1905-1999) and Benedictus de Spinoza (1632-1677). Through analysis and reflection, signs the influences that are sought in Nise's critical and ethical stance on mental disorders. The analysis focuses on the "letters" and the Spinozian concepts highlighted in the "letters" presenting us specific reading of Espinosa and, therefore, of Nise herself and her work with the humanized treatment of mental suffering.

Keywords: Nise da Silveira. Benedictus of Spinoza. Ethics. Philosophy. Mental Health.



1. Apresentação.

Quem foi Nise da Silveira? Por que sua leitura nas cartas, que retrata sua experiência do pensamento de Espinosa, nos interessa? São perguntas importantes a responder logo no início de nosso trabalho. Ao ser apresentado à obra desta importante figura do pensamento brasileiro através de sua obra de maior vulto, “Imagens do inconsciente” (SILVEIRA, 1981a), de imediato consideram-se os mais frequentes adjetivos referidos sempre em suas biografias e citações: “rebelde” e “revolucionária”.

Nise da Silveira foi importante médica psiquiatra brasileira, fundadora do setor de Terapia ocupacional no Manicômio carioca, no qual através da arte e de diálogos com a psicologia analítica de Carl Jung (SILVEIRA, 1981b) forneceu importante via alternativa pelo avanço da superação de métodos desumanizantes que eram a prática do tratamento das afecções psíquicas à época primeira metade do século XX, sendo importante figura na luta antimanicomial brasileira. Identificada como uma “psiquiatra rebelde”, uma das poucas mulheres em sua turma de medicina de importante Universidade Nordestina, ela.

“Nasceu em 1905 em Maceió, Estado de Alagoas. Formada pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1926, dedicou-se à psiquiatria sem nunca aceitar as formas agressivas de tratamento da época, tais como a internação, os eletrochoques, a insulino-terapia e a lobotomia” (BRASIL, 2020).

Informa-nos seus relatos biográficos o seu maior feito e o mais celebrado “o de ter transformado honestas e sedativas atividades de terapia ocupacional em via libertária de realização estética dos internos do Engenho de Dentro (RJ)” (CÂMARA, 2020). Destes esforços surge o “Museu de Imagens do Inconsciente”.

Em 1955, Nise fundou no Rio de Janeiro um grupo de estudos sobre Carl Gustav Jung, fundador da Escola de Psicologia analítica, corrente divergente da Psicanálise freudiana, grupo que viria a se tornar um centro

aglutinador de todos que buscavam caminhos alternativos aos diversos discursos hegemônicos que então dominavam o campo "psi".

Já em 1956¹, preocupada em resgatar a dimensão humana dos denominados "loucos", Nise da Silveira criou a Casa das Palmeiras, instituição pioneira de acolhimento, de portas sempre abertas que, na opinião de um de seus primeiros clientes, seria "um cantinho que iria modificar o mundo" (SILVEIRA, 2020).

Acadêmica da Faculdade de Medicina da Bahia (período de 1921-1926), sua tese de doutoramento foi apresentada com o título de "Ensaio Sobre a Criminalidade da Mulher no Brasil" (28.12.1926). Casou-se com o conterrâneo e colega de turma, o sanitarista Mario Magalhães. No Rio de Janeiro, 1933 faz concurso e serviço público no Serviço de Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental, na Praia Vermelha, antiga Divisão de Saúde Mental.

É importante destacar dentre as informações de sua jornada como médica, pesquisadora, escritora e cidadã o fato de sua prisão pelo período de cerca de 1 ano por envolvimento com o marxismo (presídio da Frei Caneca, em 1930), junto com figuras ilustres do pensamento brasileiro como Graciliano Ramos. Seu envolvimento se limitou à denúncia do porte de livros "marxistas" expostos em sua estante, utilizados em seus estudos diários. Estes, vistos por uma funcionária, geraram a denúncia e sua prisão, sem julgamento, sem processo, a revelia da lei, mas evidenciando os anos duros de censura e embotamento da razão que haviam se instalado.

¹ Considerando que a edição de suas cartas acontece em 1995, devemos considerar que são 39 anos de distância entre estas e sua ação na luta antimanicomial, porém as cartas apresentam reflexão que não estamos considerando como posterior às principais realizações de Nise da Silveira, mas pelo relato da própria que remete a leituras de Spinoza desde o princípio de sua vida como pesquisadora, estamos lidando com a hipótese da influência do sistema ético spinoziano como tendo participado da reflexão e ação que fundou esta proposta de atuação sobre o sofrimento mental e concepção do pensamento humano.



Passou longo período na semiclandestinidade, visitando e atuando de forma discreta em várias cidades junto ao marido e seus biógrafos destacam que “neste período que se dedica a uma profunda e reflexiva leitura de Spinoza, redigindo suas conclusões e questionamentos sob forma de cartas que muitos anos mais tarde viria publicar” (SILVEIRA, 2020).

Em 1944 reintegrada ao serviço público, lotada no Hospital Pedro II, antigo Centro Psiquiátrico Nacional, no Engenho de Dentro, subúrbio do Rio de Janeiro, onde irá exercer suas fortes convicções humanísticas e sua absoluta rejeição a métodos que considerava indignos e violentos e que dominavam o espectro do cuidado com o sofrimento mental nos hospitais brasileiros. Diante deste quadro é percebido que:

“Nise sentia-se inapta para exercer a tarefa de psiquiatra, pois, era ferozmente contra os choques elétrico, cardiazólico e insulínico, as camisas de força, o isolamento, a psicocirurgia, e outros métodos da época que considerava extremamente brutais e recordavam-lhe as torturas do Estado Novo aplicada aos dissidentes políticos, e que ela conhecia tão bem. Recordo também o horror visceral dela contra a farra do boi, e penso que isto podia ser também um reflexo do seu horror a torturas. De qualquer modo, sua postura humanista a faria ser uma pioneira das idéias de Laing e Cooper (antipsiquiatria), Basaglia (psiquiatria democrática) e Jones (comunidade terapêutica)” (CÂMARA, 2020).

Destaca-se seu diálogo com Carl Jung, este que por sua vez é construtor de também de revolucionárias percepções sobre as expressões artísticas e simbólicas do inconsciente, já é conhecido (JUNG, 1998). O que se propõe seguindo as trilhas abertas por vários autores e comentadores da obra de Nise, é a necessidade de entender outra figura também qualificada como rebelde e revolucionária, o filósofo Benedictus

de Spinoza, que surge em um texto único chamado de “Cartas a Spinoza”, de autoria de Nise (SILVEIRA, 1995). Esta obra traz cartas fictícias dirigidas ao filósofo holandês que atravessa os séculos unindo o século XX ao século XVII. Um encontro inusitado, mas que ao conhecer o trabalho e bom combate em décadas e pesquisa e trabalho de Nise nos surge como essencial, como se não pudesse ser diferente e séculos não pudessem impedir este consórcio.

Desta forma torna-se necessário conhecer esta psiquiatra que dialoga com a filosofia de Spinoza. Trabalhar estas cartas é trabalhar o Espinoza de Nise, assim é um encontro único. Necessário também considerar que ao trabalhar o indivíduo Nise estamos trabalhando a sociedade brasileira, o longo e ainda em processo projeto de humanização do tratamento do adoecimento psíquico, enquanto sujeitos culturais, sociais e históricos, assim como considerar Spinoza como alvo de constantes apropriações e processos que constituem o esforço de reflexão crítica marcante da prática filosófica, uma “filosofia dos encontros”, da vida prática. Portanto, sim, é necessário conhecer Nise da Silveira e participar do diálogo dela com Spinoza.

2. Cartas ao infinito

Na análise e reflexão sobre as “cartas”, à Spinoza, obra que propõe diálogo fictício entre eles, busca-se sinais de influências na postura crítica e ética de Nise sobre as afecções mentais, trabalhando os conceitos espinozianos que Nise destaca em seu texto de forma a nos apresentar uma leitura específica de Spinoza e, por conseguinte, da própria Nise e seu trabalho junto ao tratamento humanizado do sofrimento mental.

Destaco como principais ideias a concepção de totalidade, que marca a reflexão do mundo por Spinoza (e vemos que também de Carl G. Jung, outra de suas influências em destaque), o papel dos afetos e a articulação da noção de conatus, estas que dialogam diretamente com o trabalho efetuado por Nise na construção de um sistema de cuidado às



afecções mentais como encontro, mobilização afetiva e através da arte a expressão deste impulso à vida, alegria e totalidade.

O diálogo concretizado nas cartas atravessa séculos, porém o encontro entre os dois rebeldes é inegável, e se expressa e é executado na ação cotidiana de Nise, que revela não só sua admiração pelo rebelde filósofo holandês, mas a percepção clara da atualidade de suas análises para o homem na contemporaneidade, assolado pelo abandono, violência e desorientação em um espaço que não se apresentava como terapêutico, mas como perpetuador de mais violências.

Nise expressa em suas cartas explícita percepção de conexão com a própria vida e história do filósofo e constrói análise e discurso marcado pela franqueza, delicadeza e firme tranquilidade, demonstrando uma leitura sólida e uma vivência poderosa da filosofia espinosiana. Por isso os conceitos que surgem neste diálogo através dos séculos são essenciais para o espírito que guiou Nise da Silveira na luta antimanicomial brasileira.

As cartas de Nise da Silveira foram publicadas na década de 90, porém o encontro com Spinoza se estende durante sua vida profissional e acadêmica. Como apresentado em suas cartas foi no período de afastamento da vida pública que ela buscou em Spinoza os diálogos que trariam a percepção de compartilharem através do tempo e distâncias, perguntas em comum, necessidades compartilhadas e respostas que a obra de Spinoza traria para aquele momento de angústia e desesperança na vida de Nise. Alimentou-se dos frutos da leitura de Spinoza para após este período retornar a vida profissional e pública e aplicar as reflexões que agora compunham a visão humanística construída em diálogo para o campo da saúde mental e a discussão sobre os métodos da cura, os limites éticos da medicina e as potencialidades humanas da liberdade da beleza e da arte para a libertação do homem.

Veremos nas cartas trocadas dela consigo mesma, porém em diálogo com Spinoza em 7 (sete) cartas uma leitura e apropriação do pensamento e teses spinozistas que nos demonstra como este filósofo pode estar presente na construção de seu trabalho que culminou com a

produção do Museu do Inconsciente e com as técnicas de arte terapia e resgate ético do sujeito adoecido sendo foco importante para a superação de velhos paradigmas e construção do longo processo de luta antimanicomial no Brasil.

Cada uma de suas cartas centraliza-se sobre um tema específico que está presente e apresenta Spinoza a partir da leitura, experiência e projetos que se desenham e consolidam posteriormente. Este é o Spinoza a partir de Nise. A partir das necessidades práticas que se apresentam a ela.

Cada carta apresenta um tema que foi atribuído após análise das cartas e indicam o pensamento extraído no diálogo que compõem cada carta. As cartas não apresentam títulos e tem tamanho variado, algumas mais direcionadas à teoria explícita do filósofo, outras mais afetuosas e dirigidas à construção da relação que se constituiu entre leitora e autor. Ela não atribui às cartas títulos, apenas as numerou, porém os temas são bem explícitos e percorrem o texto do início ao fim, não permitindo mera divagação.

3. Carta I - A experiência da totalidade

O trabalho de Spinoza se destaca e é muitas vezes conhecido pela sua abordagem que inicia com a proposição de que não se pode entender a realidade sem compreender e buscar a causa, neste caso, a causa primeira de todo ser. Esta causa é a busca da substância única. Esta substância única deve não ter outra causa que não a si mesma. Assim, Spinoza identifica esta causa usando sua famosa expressão “deus ou natureza” *Deus sive natura* (“Deus, i.e., a natureza”).

A reflexão Spinozista se inicia com a importante (já em suas definições iniciais) “questão do ser”, que trata em termos da noção de substância, que é aquilo cuja existência depende apenas de si mesmo. Ora, dada esta definição, só Deus pode de fato satisfazê-la (Livro I). Deus ocupando o centro do sistema proposto é causa em si mesmo e só pode



ser pensada por si mesmo, e todas as outras coisas existentes são modos de expressão da substância primordial, todos os outros seres têm uma coisa em comum, eles partiram de uma mesma substância.

Diante desta totalidade, todas as demais coisas que são causadas por esta causa única e primeira são apenas “modos”, modificação ou afecções desta substância, sendo a própria existência dos “modos” é precária, e nós seres humanos seríamos um destes.

Filosofia de Spinoza na leitura de Nise é uma “arte de diferenciação do modo humano” (SILVEIRA, 1995, p.25), pois lida com a derradeira e mais importante experiência humana: a experiência da totalidade, A mais importante e única de todas as experiências espirituais, que ela atribui a Spinoza que a teria alcançado. Assim, aproximando seus diálogos com Jung agora com Spinoza.

Esta arte de diferenciação do modo humano que Nise atribui como parte de seu trabalho na ética, está relacionada à proposta de através do conhecimento e do autoconhecimento que surge da atenção aos afetos e autonomia que surge da depuração das formas de conhecer o mundo é o que permite que ela concorde com outros analistas de Spinoza ao afirmar que ele era um “homem ébrio de deus” e ainda citando o filósofo brasileiro Farias Brito: “Deus está no universo como o universo está em Deus” (BRITO, 1975, p. 196 apud SILVEIRA, 1995, p. 26).

Uma visão unitária do universo surge daí, e *self*, termo junguiano para esta totalidade e unidade², é usado por Nise em sua aproximação e diálogo.

4. Carta II - A arte de pensar

Nesta segunda carta, Nise busca destacar o método de pensar de Spinoza, destacando a corporalidade unida ao pensar que atribui ao ofício

² Para aprofundar a noção de *self* em Jung, ver: JUNG, **Aion**. Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 1982.

de polir lentes com toda sua simbologia, assim como os tipos de conhecimento a partir do pensamento do filósofo.

Assim, nesta carta II, na qual destacamos o termo “arte de pensar” dita por Nise, destaca-se o que ela distingue como o método do pensar de Spinoza que ela destaca como “geométrico racional”. Ainda no início desta carta Nise situa sua própria experiência do estudo da vida de seu interlocutor e mestre:

“Às vezes chego a imaginar-me em Rijnsburg, invisível ouvinte do círculo dos colegas, que você ali frequentava. Era um prazer vê-lo, aos 28 anos, moreno, de cabelos e olhos escuros, os olhos que deveriam ser semelhantes a sua mãe, a portuguesa Ana Débora. Tenho quase certeza de que as primeiras palavras que você balbuciou foram em português. E isso me comove” (SILVEIRA, 1995, p.34).

Ora, Nise se aproxima e percorre a distância que se instala (distância cronológica, existencial,) através do exercício da imaginação, e esta a leva a concentrar-se ao mestre Spinoza, é deste encontro por via imaginação que ela permite-se afetar, além da leitura de suas sentenças e explicações racionais sobre o mundo. Ela reflete sobre os colegas, grupo que após sua excomunhão, em busca de ambiente mais cordial, que não lhe obrigou a conversão ao cristianismo, mas que lhe ouviam atentos e curiosos. Esta citação fala do afeto que Nise construiu e que participou do diálogo como teoria spinozista, as cartas como arena do encontro no qual o filósofo, pesquisador e leitor deve sair modificado, ela não apenas reproduz o pensamento do mestre, mas o traz para nós através de si mesma e de suas dores, amores e afetos cotidianos.

Para então falar do método de pensar ela nos traz uma dimensão da ação cotidiana do próprio Spinoza, “você polia lentes”, afirma, o que não seria por motivo de subsistência. A relação entre polir lentes, com as próprias mãos, seguindo as regras do método geométrico e que teriam produzido a ética, sob método geométrico guardariam alguma relação? O movimento do corpo se apresentariam também os do pensamento? O



produto integrado de pensamento e extensão (“atributos”, em Spinoza), esta integração necessária teria eco, assim no próprio pensamento da Ética. A corporalidade do pensamento, indistinguíveis para reformar o entendimento.

Ela distingue seu método de filosofar após nos apresentar uma experiência com seu pai. Este ao vê-la guardando livros em sua juventude e se preparando para o semestre letivo que se seguiria lhe pergunta:

“-Você vai recolher seus livros de geometria?

-Sim, agora terei outras matérias pra estudar.

-Lamento, porque geometria não é uma matéria como as outras. Não é apenas o estudo das propriedades das figuras. Ensina a arte de pensar [...]

Assim, cedo tomei o hábito de procurar ordenar e deduzir, embora não conseguisse chegar ao clássico ‘como queríamos demonstrar’ e esbarrasse tantas, tantas vezes, diante de portas misteriosas”. (SILVEIRA, 1995, p. 40)

Ela acredita que este evento em sua vida a aproximou do chamado segundo gênero de conhecimento, o “conhecimento dedutivo regido pela razão”, para então vislumbrar seu terceiro gênero: “a apreensão imediata as essência das coisas”. E para esta jornada some-se as dimensões todas do ser, que não ação, no encontro tem seu espírito ampliado pela prática. Corpos em encontro, corpos em choque, somente na vida a vida se faz, se revela e se dissolve na compreensão total, isto se comunica com o método abraçado pela médica psiquiatra Nise, assim como pela mulher Nise, a terapia ocupacional que aplicava e desenvolveu junto à terapêutica de seus pacientes, seus clientes, é o método de todo homem. É no polir das lentes, na destreza de mãos que o homem pensa, reflete, se cura, se reestrutura. É necessário que na terapêutica some-se o reforço mútuo, a potencialização que leva à alegria e a ampliação de nossa realidade como intentos e metas terapêuticas. Assim, citando Jaspers este nos diz: “Spinoza comunica sua filosofia pelos meios que a razão

fornece, mas estes não esgotam seus fundamentos decisivos” (JASPERS, 1972 apud SILVEIRA, 1995, p.42-43).

5. Carta III - A unidade de toda natureza

Nise está atenta à relação pensamento e matéria e os encontros possíveis do pensamento de Spinoza e a física de David Bohm³ e a psicologia de Jung. Assim, destaca-se um vigoroso diálogo que trava com o filósofo sobre a alma dos animais, tema caro ao trabalho de Nise que apresentava o convívio com animais como parte do processo de cura e diminuição do sofrimento psíquico (SILVEIRA, 1998). Afirma, assim, que se o espírito humano é diferente do animal ele deve apresentar enquanto modo extensão e pensamento, assim como o homem.

Nesta carta pensamento e matéria se apresentam como o próprio Spinoza nos apresentou como atributos, como já anunciado na Carta II, seu potencial de reforço mútuo nos lembra de que a vida como totalidade realiza-se em ambos os atributos perceptíveis pelo homem, pensamento e extensão, são ações que se apresentam na natureza, ou como diriam as escrituras cristãs: é em deus que temos a vida, o movimento e o ser (Atos, 7,28) como nos cita Nise (SILVEIRA, 1995, p.48).

Quando Spinoza agita o pensamento de sua época, e ainda o agita, na afirmação de que a matéria não de forma alguma indigna da natureza divina, e o paralelismo que firme que “a ordem e conexão das ideias são as mesmas que a ordem e conexão das coisas, como uma só e mesma substância, ambas compreensíveis sob um único atributo, seja um ou outro” (SILVEIRA, 1995, p. 48).

³ “David Bohm obteve doutoramento em física, em 1943, na Universidade da Califórnia, em Berkeley, sob orientação de R. Oppenheimer. A partir de 1946 passou a ensinar na Universidade de Princeton. Publicou uma série de artigos em variados temas da física, em especial sobre oscilações do plasma. Escreveu em seguida o livro *Quantum Theory*, considerado até hoje um clássico no assunto. Aprofundou o interesse pelos fundamentos da teoria quântica elaborando artigos reinterpretando-a. Antes da publicação desses artigos circunstâncias políticas, alheias à sua vontade, forçaram-no a sair dos Estados Unidos”. Freire Jr., O., Paty, M., & Barros, A., 1994, p. 53.



A ordem implícita e ordem explícita correspondendo, e o trabalho de Jung, parece chegar a mesma conclusão, quando este afirma que psique e matéria são dois diferentes aspectos de uma e mesma coisa (SILVEIRA, 1995, p. 49), este que não considera mero epifenômeno da matéria cerebral, mas uma realidade verificável por meio da ciência moderna.

Porém, esta conclusão não seria alcançada pela vivissecção de rãs em laboratório, o que para Nise esbarra com sua ética, de profunda conexão e respeito pelos animais, e que veremos está na base de sua rejeição aos métodos de intervenção anatômica que eram método em voga em sua área de atuação. Portanto, foi em Spinoza que Nise buscou compreender esta conexão psique-matéria.

Esta se apoia na compreensão de unidade de toda natureza e nesta carta Nise inicia um debate com Spinoza sobre a possibilidade e alcance desta unidade que alcançaria homens e animais.

Acompanhando sua argumentação temos estas citações de sua Carta III: “Portanto, meu caro, você admite que todas as coisas particulares possuem alma, alma específica, decerto, para cada uma delas, seja um punhado de areia, planta, animal, mulheres, homens. (SILVEIRA, 1995, p.53) e segue:

A absurda negação da alma dos animais sempre me havia revoltado. E por que as plantas, tão evidentemente sensíveis para quem as saiba entender, não possuíam alma? E por que o grão de areia ficaria excluído numa concepção unitária do mundo? (SILVEIRA, 1995, p.53)

Citando como referência o texto da ética (Ética, II, XIII apud SILVEIRA, 1995, p.54): “O objeto da ideia que constitui o espírito humano é o corpo, ou seja, um certo modo da extensão existente em ato e nada mais”.

Dotados todos de almas, porem em graus diferentes, sendo que o pensamento mesmo de um indivíduo do mesmo modo, também difere do pensamento do outro, segue-se que os sentimentos dos animais, diferem

dos sentimentos dos homens apenas na medida em que a natureza dos homens difere da natureza dos outros modos.

Os apetites os prazeres, os sentimentos seriam assim peculiares à natureza desta gama de seres, porém de forma alguma ausentes por não compartilhados por mim, em específico. Isto está na base de muitas percepções modernas da ética da diversidade, discutidas no mundo globalizado que tem se construídos, desde os primeiros encontros e desencontros tribais na antiguidade ou grandes viagens estabelecidas na idade moderna no ocidente, por exemplo. A alma está em tudo, eu compartilhe de sua natureza e assim de sua compreensão ou não.

Dando sequência à análise do tópico por Spinoza, chegamos a uma área de divergência, a qual se destaca por ser a única expressa nas cartas:

Diz-nos Spinoza que o direito de cada um é definido pela virtude ou poder de cada um, os homens tem sobre os animais um direito muito maior que estes têm sobre os homens.

Se ele não nega que estes tenham consciência, mas a eles está reservada ser tratado segundo a conveniência e utilidade dos homens, este trecho somado a certos detalhes eu tive acesso através de biografia. A autora considera esta uma manifestação de sombra de sua personalidade.

Porém, foi procurar a relação entre virtude e poder nos escritos para melhor compreender, assim surge que: “Por virtude e poder entendo a mesma coisa”, pois esta seria da “própria essência do homem, ou sua natureza, na medida em que ele tem o poder de fazer certas coisas que podem ser compreendidas pelo poder da natureza” (Ética, IV, VIII, definições, apud SILVEIRA, 1995, p. 59).

Interessante que neste momento Nise se põe a contra argumentar Spinoza com o próprio Spinoza. Tendo conhecido os homens e constatado que o homem é o lobo do homem, também se põe Spinoza a conduzir este homem em razão até a liberdade, e isto não poderia nos levar para outro lugar que o reconhecimento e o amor a todos os seres, vinda da unidade de todas as coisas. Porém, termina irônica dirigindo-se



ao próprio Spinoza que teria tido dois gatos que o acompanhavam em suas reflexões, e que este os estimaria o suficiente para produzir em sua porta duas passagens na parte inferior da mesma, o que lhe permite afirmar:

“Você Spinoza que parecia hostil ao animal, tinha por companheiros de quarto dois gatos de estimação. Você se ocupava deles. Respeitava-lhes a liberdade, abrindo caminho para que entrassem e saíssem livremente. Seriam mesmo radicais as diferenças de essência entre o filósofo e os gatos?” (SILVEIRA, 1995, p.61).

6. Carta IV - Ética segundo o método geométrico

O que é ética? Ela não se confunde com uma extensa lista de regras que possam ser cristalizadas em sermões insípidos. Para Spinoza ética teria na intenção de “objetivar as ações e os apetites humanos tal qual se estudasse linhas, planos, corpo, sempre segundo o método geométrico” (Ética, prefácio, III apud SILVEIRA, 1995, p.65) assim, representa a investigação da natureza dos sentimentos, seus impulsos, assim como o poder moderador do espírito sobre estes.

Tendo como uma de suas principais influências René Descartes, o que demonstra em sua obra “Os princípios da filosofia cartesiana demonstrados segundo o método geométrico” (1663), que demonstra a influência do racionalismo em sua obra através de seu método “geométrico” (“a dedução como procedimento racional de demonstração por excelência”). Sua filosofia, que terá sua expressão principal na *Ética* (1661-75, publicada postumamente), que tem como subtítulo “demonstrada pelo método geométrico”, revela a preocupação racionalista de Spinoza com a clareza e o rigor.

Na ética que se apresenta na obra do mestre encontra-se a profunda valorização da alegria, oposta à tristeza. A alegria tem potência de

aumentar o poder de agir, fortalecendo o conatus, a vontade de viver e permanecer.

Spinoza faz, ao longo da *Ética*, o caminho que vai de Deus, que é a substância infinitamente infinita e possui em si todos os atributos, para os modos, que são os seres humanos, limitados no tempo e no espaço para depois fazer o percurso de volta. Essa relação entre pensamento e corpo nos homens é unificada pela potência do *conatus* e comporta, para além da manutenção de um estado ou de uma identidade, as transformações sofridas pelos indivíduos, compreendendo uma essência que é sempre atual.

Não somos seres infinitos como Deus, mas também temos a capacidade de ser causa de nós mesmos e de agir para preservar nosso ser. É importante notar aqui que Ser é no sentido de uma parcela finita da potência infinita de Deus; o Ser é uma potência ativa de afetar e ser afetado. Temos interesse em tudo que contribui para manter nossa forma e nossas relações.

A alegria é “a passagem do homem de uma perfeição menor a uma perfeição maior, e a tristeza é seu inverso” (SILVEIRA, 1995, p. 68).

Quanto ao amor haveria tantos objetos de amor quantas coisas que nos afetem, pois o amor e o ódio seu inverso seriam manifestações da alegria votadas a objetos exteriores. Estuda assim o amor e o ódio como “linhas em um plano” (SILVEIRA, 1995, p. 69).

Note-se que sendo alegrias que se voltam para objetos exteriores, são menos afeitas à nossa liberdade, aproximando-se de correntes na escravidão.

O que é nos é útil? O que nos seria bem ou mal? Bem seria aquilo que nos é útil, e mal é aquilo que nos impede de alcançar algum bem.

Constata, assim, Nise: “Para você o bem e o mal não tem existência. São meras imaginações que dependem daquilo que nos traz alegria ou tristeza, recompensas ou castigos” (SILVEIRA, 1995, 1995, p. 73).

Nesta carta ela apresenta a partir da leitura da obra de referência de Spinoza a noção de ética, discutindo as dimensões do bem e do mal que



tanto aproximou o pensamento Spinozista de Nietzsche, mas que também o diferencia e o torna singular para sua época. Não é citado neste diálogo Nietzsche por parte de nossa autora (**observação e nota de rodapé**)

7. Carta V - A escravidão humana

Nesta carta ela cita Groddeck, fundador da medicina psicossomática⁴ (que em diálogo com Freud propõe o conceito original de ID) o ES como eterno, infinito, imutável e indivisível. Aproximando outros autores da psicanálise ela sem citar especificamente nos faz pensar na concepção de natureza, mas também na do conatus. A aproximação da psicanálise com a filosofia e a análise dos afetos por Spinoza permite que pensemos em liberdade, assim como em loucura como a verdadeira escravidão humana.

“O conceito de ES (Id), tal qual Groddeck p formula, aparenta-se estreitamente à substância, segundo sua concepção, entretanto, isso não impediu que Freud incorporasse o vocabulário ES à psicanálise, decerto dando-lhe sua marca pessoal: instancia que constitui o reservatório primeiro de energia psíquica” (SILVEIRA, 1995, p.78).

ES na definição de Groddeck é eterno e infinito, imutável e indivisível. Ora, esta totalidade é a tese spinozista básica. É o princípio de vida que determina a criação e a destruição de todas as coisas. A este conceito nos aproximamos do próprio conceito de Deus-Natureza, e esta força em nós só seria possível de leitura spinozista como também conatus? Por sua vez Freud acusa Groddeck de “monismo”, o qual por sua

⁴ “Ao propor a aplicação da psicanálise no tratamento de doenças orgânicas e o entendimento simbólico dos sintomas somáticos, Groddeck passou a ser considerado como um dos fundadores da chamada "medicina psicossomática", embora o próprio autor tenha se esquivado de tal epíteto argumentando que, do seu ponto de vista, não haveria "psicogênese", ou seja, não se trataria de pensar a doença orgânica como sendo *causada* por elementos de ordem psicológica. Para Groddeck, não haveria a ação de uma instância sobre a outra. Ambos, psiquismo e corpo se enfermiariam ao mesmo tempo, e é essa condição que permitiria que o adoecimento pudesse ser lido simbolicamente: o fato de que qualquer doença estaria inevitavelmente conectada à vida como um todo”. (SANTOS, Lucas Nápoli dos; MARTINS, André, 2013).

vez erroneamente afirma ser “a sedução de abandonarem-se as diferenças em prol da unidade”.

A possibilidade aproximação com a perspectiva spinozista avança nas semelhanças com a psicologia freudiana quando verificamos Walter Bernard ressaltando o determinismo de seu sistema, mas também do conceito de libido que enquanto sistema de força está presente em tudo, com várias transformações.

A ideia de inconsciente não lhe seria estranha, pois como cita Bernard: “[O]s homens ignoram as causas de seus apetites. Eles são de fato conscientes de suas ações e de seus apetites, mas ignoram as causas que os determina a apetecer” (Ética, IV apud SILVEIRA, 1995, p. 80), ou mesmo quando este nos fala da libido e do princípio do prazer, cuja função é impulsionar as forças libidinais inconscientes em busca de realização, estas mesmas que se defrontam com a realidade que a equaciona e a contém, no que a noção de razão surgia como aproximada no sistema Spinozistas dos afetos.

Em outra concordância apontada por Bernard: o esforço pela autopreservação, como tendência primordial. Freud, porém, posteriormente nos falaria em uma pulsão de morte, o que Nise aponta um afastamento, pois Spinoza não teria incluído esta pulsão sendo muito enfático com a força de preservação e continuidade da existência que marca todos os seres. O superego e outras são as aproximações Freud-spinozistas levantadas. O tratamento analítico visa a trazer à consciência conteúdos reprimidos no inconsciente, interpretá-los, levar o sofrido a entendê-los em termos racionais. (SILVEIRA, 1995, p.82).

É nas instâncias do autoconhecimento que Spinoza nos propõe esta vivência reflexiva e racional como ética e em certo sentido terapêutico, pois um sentimento que é uma paixão, deixa de ser uma paixão desde que formos uma ideia clara e distinta. Desta discussão surge o diálogo sobre a escravidão humana, sendo a loucura considerada a pior escravidão seria o “acorrentamento a uma paixão, a uma ideia, é fixação



a visão de imagens horrendas ou belas, um emaranhamento num espaço e num tempo imutáveis” (SILVEIRA, 1995, p. 85-86).

Faz o caminho que leva o homem da servidão à liberdade. A liberdade vem quando a razão começa a pesar os afetos e aprende a refrear, medir e moderar; diferente dos impotentes que, em sua ilusão, acham necessário extinguir ou dominar absolutamente os afetos. Neste sentido liberdade e virtude são característica daquele que é causa de suas ações, A liberdade vem quando a razão começa a pesar os afetos e aprende a refrear, medir e moderar; diferente dos impotentes que, em sua ilusão, acham necessário extinguir ou dominar absolutamente os afetos. Liberdade e virtude andam juntas, sendo esta liberdade: autoconhecimento, consciência de si e dos outros, a compreensão dos afetos.

8. Carta VI – Spinoza e o imaginário

Considerando o papel do imaginário no trabalho de Nise com a construção do Museu do Inconsciente e o papel da imaginação no trabalho de Jung, Nise busca desvendar a relação da teoria do conhecimento em Spinoza com relação ao imaginário, afastando que a atividade imaginativa tenha em si caráter patológico.

O diálogo se dirige a uma tipificação das imagens segundo o filósofo, tema ao qual Nise a importância deste tema considerando o trabalho de sua vida: o museu das imagens do inconsciente.

Na dinâmica psíquica seriam distintas três tipos de imagens:

1. As decorrentes das perturbações do corpo,
2. As advindas de coisas exteriores e
3. imagens imaginativas do espírito.

E continua: “o imaginário seria perfeitamente legítimo, gozando da liberdade de encadear, segundo sua ordem própria, as imagens que configura (SILVEIRA, 1995, p.92). O espírito não erra pelo fato de imaginar, mas se assume nas imaginações como algo que realmente existente no

mundo exterior” (SILVEIRA, 1995, p. 92) este é o ponto central de nosso diálogo.

A loucura não estaria no ato de imaginar, mas na fixidez e convencimento destas imagens e a realidade imediata, considerando que “imagens visualizadas no mundo interno apresentam-se com força tão convincente, que dominam o indivíduo, seja pelo terror seja pelo deslumbramento” (SILVEIRA, 1995, p.92), tanto o horror infernal quanto a beleza paradisíaca podem nos levar a loucura, ou pelo terror ou pelo belo, levando ao esquecimento de si mesmo.

Se o imaginário não se confunde com a razão, a razão também não pode se reduzir ao imaginário haveria uma diferença na ordem destes pensamentos, mas não hierarquia.

Freud nos levaria a uma limitação desta percepção quando limita a imagem à médium das associações verbais, na qual caberia a esta o papel de disfarce engano, o que demonstra sua posição radicalmente racionalista ou mesmo positivista, típica do século XIX, pois sem dúvida “o imaginário está mais próximo do inconsciente que a ordem racional, mas coisa diferente será negar-lhe valor próprio, não vendo outra maneira de entendê-lo senão esfrangalhando as imagens até esvazia-las de sua quente substância própria” (SILVEIRA, 1995, p. 94).

Para Nise seu trabalho como médica psiquiatra foi abrir espaço para a livre expressão imaginativa e seus processos, pois estes clientes habitavam um mundo de ideias tão vívidas e potentes que não podiam se distinguir do real. Estas não seriam ponto de partida a outros processos investigativos. Estas seriam o processo. Não há porque reduzi-las às palavras. O imaginário seria a linguagem, o invisível visível estava nelas.

O Museu do Inconsciente tem a intenção de documentar e auxiliar os estudiosos a ter acesso a estes enigmas do mundo interno (SILVEIRA, 1995, p.96), infelizmente como descreve sem muitas vezes merecer um olhar sequer por parte destes colaboradores.

Sua proposta é baseada em Jung, um dos participantes deste diálogo e cartas mesmo quando não citado conceber a imaginação como



atividade psíquica legítima, sem caráter em si patológico, mas consistindo em imagens interiores que apreendem conteúdos profundos do inconsciente, sendo o imaginário o poder de configurar imagens, afirma citando Jung (Referência, SILVEIRA, p. 97). Assim Nise inclui o imaginário como nos apresentou Spinoza: como parte da apreensão do mundo pelo sujeito, sem conotação de dicotomia verdade *versus* mentira, loucura *versus* sanidade, mas como processo do pensamento e do corpo.

9. Carta VII - Não sobre a morte, mas sobre a vida

Lendo a obra magistral que é a *Ética* (SPINOZA, 2017), Nise se depara com uma enunciação espantosa e sublime: o alvo principal era nada mais, nada menos, que a conquista da eternidade, pois: o filósofo se dedicará: à duração do espírito sem relação com o corpo (*Ética*, V, XX, escólio apud SILVEIRA, 1995, p.102).

“Sendo o ser humano um Modo da substância infinita, tem sua existência limitada, duração dependente de coisas exteriores,” Quando assim o diz: ”a alma e o corpo são uma e a mesma coisa, concebida seja sob o atributo do pensamento, seja sob o atributo da extensão” (*Ética*, III, II, escólio apud SILVEIRA, 1995, p.102).

Importante também frisar que somos modo da totalidade que é deus ou natureza, modo frágil que é facilmente destruído, somente a substância é infinita e eterna.

Não obstante o caminho do diálogo de Nise nesta carta que o “espírito não pode imaginar nem recordar das coisas passadas, a não ser durante a duração do corpo” (*Ética*, XXI V). A substância que é deus é causa de todas as coisas, sendo assim essência de todas as coisas sob espécie de eternidade (*Ética*, V, XXII apud SILVEIRA, 1995, p. 103).

O espírito humano não pode ser destruído como o corpo, até por que a substância que é ambos não pode ser destruída apenas se modifica, variando de modo.

Se a experiência da totalidade como nos afirma Nise é o grande marco de referência do pensamento Spinozista ela é levada a concluir que se a alma está unida à totalidade, substância que é eterna e infinita, assim se apresenta igualmente.

Esta conclusão derradeira que Nise alcança em diálogo com Spinoza é o produto do que chama de ciência intuitiva, que “progride da ideia adequada da essência das coisas”. Esta seria a grande conclusão da ética como lê Nise da Silveira. Conclusão fruto da experiência da totalidade e fruto da ciência intuitiva da essência das coisas, perspectiva central da Ética.

Nise, enfim, cita outro filósofo, agora o brasileiro Leonardo Bofe para alcançar a percepção que em diálogo lança nesta última carta:

“O homem forma uma unidade. Todo ele inteiro é carne e corpo, alma e espírito. Pode viver duas opções fundamentais: como homem carne contenta-se consigo mesmo e fecha-se em seu próprio horizonte. Como homem espírito abre-se para deus, de quem recebe a existência e a realidade” (Bofe, 1976, apud SILVEIRA, 1995, p. 107).

Por isso, pode afirmar que o pensamento de Spinoza é sempre sobre a vida, não sobre a morte, pois na visão de Nise, Spinoza não demarque as fronteiras entre vida e morte: “o que importa em sua visão será a amplitude da eternidade conquistada e com ela o gozo da beatitude” (SILVEIRA, 1995, p.107).

10. Encontros alegres e rebeldes

Nise da Silveira (1905-1999) é figura importante para compreendermos a luta antimanicomial no Brasil, sua história é a história de uma mulher que se rebelou contra a estruturas de descaso e violência que ocultadas sob o véu da técnica e da ciência dava prosseguimento ao abandono e esquecimento como estratégias diante das afecções mentais.



No campo filosófico, Spinoza (1632-1677) se destaca pelo sistema único que ergueu sob um sistema ético racional (geométrico, dizia) e monista, no qual a totalidade e a alegria, e principalmente a noção de conatus (impulso, vontade) são noções de orientação basilar.

Ao identificar que este filósofo recebeu da parte de Nise da Silveira uma obra em forma de “cartas” (em um diálogo que atravessaria 3 séculos) (“Cartas a Spinoza”, 1995) considerei uma oportunidade de entender a influência que a filosofia tem na prática desta grande médica psiquiatra, a possibilidade de refletir sobre os conceitos espinozianos “na prática” da ação de um sistema terapêutico, um “encontro” marcado pela “alegria” (“Ética”, 2017).

Na literatura que utilizo como apoio e que consta como referencial teórico destaco o trabalho de Deleuze sobre o próprio Spinoza, que utilizo como guia para leitura de sua grande obra “Ética”. Assim, Deleuze (“Espinoza, filosofia prática”, 2002) se aproxima de Spinoza e dá ênfase à relação da totalidade, da percepção da relevância de como Spinoza trata em específico o corpo.

De forma essencial, considerando que o texto trata do diálogo específico de Nise e Spinoza, a própria obra da psiquiatra brasileira (várias, destaco: “imagens do inconsciente”, 1981a; e “Jung: vida e obra”, 1981b) se apresenta como fonte de aproximações e afastamentos, indicando também a presença de um terceiro neste diálogo, Carl Jung (autor de “A natureza da psique”, 1998).

Nise da Silveira, não resta dúvidas, teve uma jornada de transformação pessoal que abarcou a revolução no tratamento das doenças psíquicas no Brasil. A reforma psiquiátrica precisou considerar uma percepção nova de corpo, trabalho, imaginação e alegria que não haviam sido consideradas até a Casa das Palmeiras tornar impossível ignorar as fronteiras rompidas.

O pensamento e trabalho da Casa da Palmeiras e do Museu do Inconsciente bebem de muitas fontes da área psicológica e humanista, porém, a pergunta que pairou na leitura das cartas de Nise da Silveira a

Benedictus Spinoza é como a filosofia spinozista participou deste projeto, mesmo não tendo sido referência explícita, por não ter aparentemente relação com o tema, desta reforma que inicia e ainda está em processo no Brasil com avanços e retrocessos?

Nas cartas que se apresentaram pudemos ver quais tópicos específicos do pensamento e da figura rebelde de Spinoza em pontos específicos como: a) na carta em que desenvolve o tema da imaginação e do processo imaginativo em que sustenta com apoio de Spinoza e Jung a natureza não patológica da imaginação; b) a união entre corpo e pensamento que habilita o trabalho e a ação, o gesto como terapêutica, e assim, possibilidade de não concentrar o esforço terapêutico na palavra apenas, mas também no ato criativo, no polir de lentes do dia a dia, ou c) quando ao defender ferozmente a presença da alma nos animais, usando os próprios argumentos de Spinoza, Nise o faz como parte da experiência de uso de cães e gatos como auxílio na construção de afetos no processo de socialização e saúde de ambos, pois ambos com frequência “resgatada”.

Há muito o que se falar e a literatura qualificada sobre o pensamento de Spinoza, inclusive no âmbito do pensamento filosófico brasileiro é bem desenvolvida, mesmo que nunca suficiente, contudo sobre Nise da Silveira alguns pesquisadores ressentem a falta de desenvolvimento de seu pensamento e ação para além dela como figura única, talvez exótica pela sua rebeldia, pelo espanto que traz aos mais ortodoxos terapeutas e acadêmicos, pois foi “polindo lentes” que esta médica construiu um diálogo que alcançou seus clientes, seus colegas, mesmo os mais resistentes.

Longe de ofertar respostas sobre o universo que se abre neste artigo, penso que se perguntada se Spinoza participou da reforma psiquiátrica brasileira a resposta de Nise seria de que sim, pois assim como o seu mestre filósofo romper as fronteiras e mirar totalidade era sua rebelde vocação ética.



REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Lívia Godinho Nery Gomes. “Ética da alegria e do encontro: Elucidações espinosanas e perspectivas psicodramáticas” **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 25, n. 1, 78-85, 2017.

BRASIL (Ministério da Saúde - Centro Cultural do Ministério da saúde). “Nise da Silveira Uma psiquiatra rebelde”. **Amostra virtual** - Nise da Silveira, vida e obra. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/uma-psiquiatra-rebelde.php>. Acesso em 01.07.2020.

CÂMARA, Fernando Portela. “Vida e obra de Nise da Silveira”. **História da Psiquiatria**. Setembro de 2002 - Vol.7 - Nº 9. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano02/walog02.php>. Acesso em 01.07.2020.

Freire Jr., O., Paty, M., & Barros, A. (1994). David Bohm, sua estada no Brasil e a teoria quântica. **Estudos Avançados**, 8(20), 53-82. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9647>. Acesso em 31.08.2020.

GILES, Deleuze. **Espinoza**, filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

JUNG, Carl. **A Natureza da Psique**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

MELO, W. “Apaixonados pelo infinito: Nise da Silveira, contemporânea de Spinoza”. **Pesquisas e Práticas Psicossociais** 5(2), São João del-Rei, agosto/dezembro 2010.

ROCHA, Claudio de Souza. “As teses práticas de Spinoza segundo Deleuze: considerações e semelhanças em Nietzsche”, **Revista Lampejo, Fortaleza - CE - ed. 10. Volume 5 - Nº 2 (nova numeração) 2º Semestre de 2016**. Volume 5 , n. 2, pp. 46-53.

SILVEIRA, Nise da. **Cartas a Spinoza**. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1995.

SILVEIRA, Nise da. **Gatos**, a emoção de lidar. Léo Christiano Editorial, Rio de Janeiro, 1998.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Alhambra, Rio de Janeiro, 1981a.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. 7- ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981b.

SILVEIRA, Nise da. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 22, n. 1, p. 137, Mar. 2002 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000100014&lng=en&nrm=iso>. access on 26 July 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000100014>.

SANTOS, Lucas Nápoli dos; MARTINS, André. A originalidade da obra de Georg Groddeck e algumas de suas contribuições para o campo da saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 17, n. 44, p. 9-21, Mar. 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832013000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 31 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832013000100002>.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. (tradução e notas: Tomaz Tadeu). 3ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017.

Dados do autor

Doutorado em Ciências Sociais - Universidade Federal do Pará
Texto aprovado em caráter de exceção
Recebido em 02/01/2021
Aprovado em 21/11/2021

